**QUAIS LUGARES OCUPAM AS MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE? - UMA REFLEXÃO SOBRE TEÓRICAS NEGRAS NO CHÃO DE UMA UNIVERSIDADE NA PERIFERIA DE SÃO GONÇALO**

Karynne dos Santos Nascimento - UERJ/FFP

Maria Elena Siguiné Santos – UERJ/FFP

**Resumo**

O presente trabalho surgiu das respostas que estudantes de Pedagogia apresentaram em um roteiro de estudos das disciplinas de Educação Infantil e Alfabetização. A atividade pedia que graduandos apresentassem uma referência de uma mulher reconhecida por suas contribuições sociais em um dos seguintes campos: político, literário, religioso, científico, humanitário, etc. A questão foi proposta às turmas do 3° período, após a leitura do texto “Mulheres trabalhando”, de bell hooks. A atividade revelou a ausência de mulheres negras no repertório dos estudantes e na bibliografia teórica da universidade, suscitando reflexões sobre as que foram apresentadas. Embora a proposta não tenha solicitado especificamente referências a mulheres negras, analisamos as 62 respostas para refletir se nelas aparecem representações delas, pensando sobre caminhos e descaminhos possíveis na formação inicial para práticas pedagógicas no Ensino Superior alinhadas a uma perspectiva antirracista.

Palavras Chaves:

Mulheres Negras, Educação antirracista, Representatividade, Universidade.

**Resumo Expandido**

A sub-representação de mulheres negras como autoras de referência nos currículos do ensino superior é uma questão urgente, que revela profundos desequilíbrios na produção e disseminação de conhecimento. Apesar das contribuições significativas de intelectuais negras em diversas áreas do saber, suas vozes e obras frequentemente permanecem à margem das leituras e discussões acadêmicas. Essa ausência não só empobrece a formação dos estudantes, limitando a diversidade de perspectivas e experiências, mas também perpetua estruturas de poder que silenciam narrativas cruciais para a compreensão plena da realidade social. Ao analisar as respostas à solicitação: “Pesquise nome e imagem de uma mulher que fez contribuições sociais importantes (é preciso que ela tenha reconhecimento social - não pode ser uma pessoa com atuação micro), pode ser nos seguintes campos: político, literário, religioso, científico, humanitário etc. (Apresentar abaixo: foto/ desenho, nome e descrição do feito dela)”. A questão foi formulada e compartilhada conosco, pela nossa coordenadora de bolsa estudantil vinculada ao Cetreina da UERJ, pois ela sabe do nosso interesse sobre a presença de discussões antirracistas. Ela desenvolveu a atividade em duas disciplinas que atua: alfabetização e educação infantil, do 3º período do curso de pedagogia. O estudo do texto surgiu a partir de um acordo entre professores do Departamento de Educação da FFP/ UERJ, para que todos os docentes incorporassem ao menos um texto antirracista na formação dos graduandos ao longo do semestre. Diante do convite para olhar todas as respostas dos estudantes, recortamos a questão acima apresentada para discutir no resumo em tela.

Enquanto pesquisadores em formação, graduandos, nos alegramos em saber que o Departamento de Educação vem trazendo essa preocupação: pensar para seus estudantes caminhos de uma educação antirracista. Consideramos potente pensar que tudo originou-se do texto da autora bell hooks que discute a ausência de mulheres negras no mercado de trabalho, enfatizando que essa exclusão não é apenas uma questão de discriminação de gênero, mas também de racismo que as mulheres negras enfrentam, além de barreiras estruturais e preconceitos que limitam suas oportunidades de emprego e ascensão profissional (hooks, 2019).

Refletindo mais profundamente sobre a formulação do título deste trabalho, serão apresentados os dados emergentes da investigação, os quais revelam o percentual relativo à posição ocupada por mulheres negras que aparecem nas respostas dos estudantes. Segue os dados no quadro abaixo:

|  |  |
| --- | --- |
| Percentual de respostas das duas turmas | |
| Trabalhos entregues | Aparição de mulheres negras |
| Educação infantil (turno manhã) I:  32 respostas | 8 |
| Alfabetização III (Turno noite):  30 respostas | 12 |
| Mulheres negras citadas: Angela Davis (4), Carolina Maria de Jesus (5), Conceição Evaristo (2), Dandara dos Palmares (1), Leci Brandão (1), Lélia Gonzalez (1), Octavia E. Bluter (1), Rosa Parks (1), Marielle Franco (4) | |

Esses dados só demonstram a ineficácia em reconhecerem as mulheres negras como figuras importantes para o funcionamento da sociedade em geral. Isso surpreende ainda mais ao analisarmos que a população do estado do Rio de Janeiro – local onde a universidade está inserida – é predominantemente de 54,3% de negros e pardos de acordo com o Censo de 2022 do IBGE.

Para relacionar o título e os exemplos de mulheres negras mencionados nas respostas dos graduandos de Pedagogia, é essencial entender a relevância e o impacto dessas figuras na sociedade e na cultura contemporânea. Esses exemplos concretos sinalizados pelos próprios discentes, nos ajudam a ilustrar como essas mulheres desafiaram normas, romperam barreiras e abriram caminho para futuras gerações. E utilizando biografias online em forma de artigos de algumas das mulheres negras brasileiras – como o site oficial de fãs da Leci Brandão, e os artigos: A vida e as lutas de Marielle Franco (2018), de Lia de Mattos Rocha, As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez (2010), de Alex Ratts, Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida (2011), de Gernama Henriques Pereira de Souza, entre outras citadas na referência final – que apareceram nas respostas, iremos apresentar os feitos marcantes destas mulheres para nossa educação.

Uma das mulheres que apareceu foi a Leci Brandão, de maneira superficial, que é uma figura essencial para a cultura e a sociedade brasileira atual. Sua contribuição vai além das fronteiras da música, impactando profundamente a política, o ativismo social e a educação. Através de sua arte e seu compromisso com a justiça social, Leci continua a inspirar e a mobilizar pessoas, lutando por um Brasil mais igualitário e diverso. Sua vida e obra são testemunhos poderosos do impacto que uma pessoa pode ter na luta contra a opressão e na promoção da dignidade humana. Nascida em 12 de setembro de 1944, no Rio de Janeiro, Leci Brandão começou sua carreira musical no início dos anos 1970. Ela rapidamente se destacou no cenário do samba, um gênero profundamente enraizado na cultura afro-brasileira. A artista foi uma das primeiras mulheres a fazer sucesso em um ambiente predominantemente masculino, enfrentando e superando diversas barreiras ligadas às questões de gênero e raça. Com canções que abordam temas sociais e políticos, Leci Brandão sempre usou sua música como uma plataforma para dar voz aos marginalizados.

Outra mulher que apareceu foi a Marielle Franco, eleita vereadora do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2016, com a quinta maior votação na cidade. Seu mandato foi marcado pela defesa dos direitos humanos, com foco particular nas populações periféricas, negras, LGBTQIA+ e nas mulheres. Ela era uma crítica ferrenha da violência policial e da militarização das favelas, usando sua plataforma para denunciar abusos e lutar por políticas públicas inclusivas.

Como vereadora, apresentou diversas propostas legislativas e projetos voltados para a promoção da igualdade e justiça social. Sua atuação se destacou pelo compromisso com a transparência e a participação popular, buscando sempre dar voz às minorias. Sua luta por igualdade e dignidade para todos, independentemente de orientação sexual, raça ou classe social, ressoou amplamente e inspirou muitos a se engajarem na defesa dos direitos humanos. Ela se tornou um ícone cultural e um símbolo de resistência. Sua história inspirou músicas, livros, documentários e diversas formas de arte que perpetuam sua memória e mensagem. A cultura brasileira, em suas várias manifestações, encontrou em Marielle uma fonte de inspiração para refletir sobre as questões de desigualdade, violência e direitos humanos.

Outra que apareceu de maneira bem recorrente, foi uma figura seminal na literatura e cultura brasileira, a Carolina Maria de Jesus. Sua vida e obra oferecem uma janela crucial para as experiências das classes marginalizadas no Brasil, especialmente as mulheres negras e pobres. Nascida em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, alcançou reconhecimento internacional com a publicação de seu diário, "Quarto de Despejo: diário de uma Favelada" em 1960, um relato sincero e impactante sobre a vida nas favelas de São Paulo. Sua importância cultural se desdobra em várias frentes, desde a denúncia das injustiças sociais até a celebração da resiliência e da dignidade humana. Através de sua escrita, Carolina trouxe à tona vozes que estavam historicamente silenciadas, influenciando a literatura e os movimentos sociais no Brasil e no mundo. Seu legado continua a inspirar e desafiar, lembrando-nos da importância de ouvir e valorizar todas as vozes na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Mais uma brasileira que apareceu foi Lélia Gonzalez, uma figura central na luta pelos direitos das mulheres negras e pela igualdade racial no Brasil. Nascida em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Lélia se destacou como antropóloga, professora, ativista e intelectual, influenciando profundamente o movimento negro e feminista no Brasil e na América Latina. Sua obra e ativismo continuam a ter um impacto duradouro na cultura brasileira, promovendo uma compreensão mais profunda e inclusiva das questões de raça, gênero e identidade. Formou-se em História e Filosofia e posteriormente em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde também lecionou. Sua formação acadêmica foi crucial para seu desenvolvimento como intelectual e ativista, proporcionando-lhe as ferramentas para analisar criticamente as estruturas de poder e opressão na sociedade brasileira. Gonzalez foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, um marco na luta contra o racismo no Brasil. O MNU surgiu como uma resposta à persistente discriminação racial e buscava unir diversos grupos e indivíduos na luta por direitos iguais e pelo reconhecimento da identidade negra. Além de seu papel no MNU, Lélia Gonzalez também foi ativa no movimento feminista, ajudando a fundar o *Nzinga Coletivo de Mulheres Negras* em 1983. Este coletivo foi pioneiro na abordagem das questões de gênero e raça de maneira interseccional, destacando as experiências específicas das mulheres negras e promovendo sua visibilidade e empoderamento.

A influência dela na cultura brasileira é vasta. Ela ajudou a construir um entendimento mais inclusivo da identidade brasileira, desafiando noções racistas e sexistas. Sua obra inspirou uma geração de intelectuais, ativistas e artistas a celebrar as contribuições das populações negras e indígenas. No campo acadêmico, González abriu caminho para os estudos afro-brasileiros e de gênero nas universidades brasileiras.

Caminhando para finalizar, destacamos as lutas de Conceição Evaristo e Dandara dos Palmares, figuras essenciais para a cultura brasileira, que não conseguimos explorar a tempo, assim como as afro-americanas Angela Davis e Octavia Estelle Butler. Pensar nessas mulheres e valorizar suas contribuições é essencial para uma sociedade mais justa e inclusiva. Desde os tempos remotos, mulheres negras têm desempenhado papéis fundamentais na história, cultura, política, ciência e arte.

Referências

CIDADE do Rio tem mais negros do que brancos. [*S. l.*], 19 jan. 2024. Disponível em: https://prefeitura.rio/desenvolvimento-urbano-e-economico/cidade-do-rio-tem-mais-negros-do-que-brancos/#:~:text=Os%20dados%20do%20Censo%20de,8%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20brancas. Acesso em: 16 maio 2024.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LECI BRANDÃO – Site Oficial Fã Club Auto Estima. Disponível em: https://lecibrandao.art.br/. Acesso em: 18 maio de 2024.

MATTOS ROCHA, Lia de. A vida e as lutas de Marielle Franco. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 42, 2018. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:QiOMCqafhYIJ:scholar.google.com/+marielle+franco&hl=pt-BR&as\_sdt=0,5. Acesso em: 19 de maio de 2024

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278274787\_ARQUIVO\_Asamefricanas.pdf. Acesso em 19 de maio de 2024.

SOUSA, Gernama Henriques Pereira de. Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F. B. Araújo (Org.). Teoria e prática da crítica literária dialética. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 86-108. Disponível em: ttp://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/9169/1/CAPITULO\_MemoriaAutobiografiaDiario.pdf. Acesso em: 19 de maio de 2024.